

TIMOTHY KELLER  
AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*  
& JOHN INAZU

MUNDO



PLURAL

COMO VIVER FIELMENTE EM  
UM MUNDO DE DIFERENÇAS

TISH HARRISON WARREN, SARA GROVES,  
TRILLIA NEWBELL, RUDY CARRASCO,  
LECRAE, CLAUDE RICHARD ALEXANDER JR.,  
KRISTEN DEEDE JOHNSON, TOM LIN,  
SHIRLEY V. HOOGSTRA, WARREN KINGHORN

Envolver-se em amor com quem discordamos não é nada fácil para muitos de nós com fortes convicções cristãs. Tim Keller e John Inazu não são apenas modelos de como ser bem-sucedido nessa empreitada; mais do que isso, neste livro excelente, eles conseguiram reunir sábios parceiros de diálogo a fim de oferecer conselhos extremamente necessários ao cultivo das virtudes espirituais da humildade, paciência e tolerância, imprescindíveis para o amor ao próximo em uma cultura cada vez mais pluralista como a nossa.

**RICHARD MOUW**, professor de Fé e Vida Pública no Fuller Theological Seminary

Para quem tem dificuldade de se relacionar bem com outras pessoas em uma era de conflitos intoxicantes, este livro apresenta uma perspectiva, embebida na humildade, que não apenas se distingue pela perspicácia, mas também pela possibilidade de ação imediata. Sou grato pela vulnerabilidade e pela sabedoria de cada um dos doze líderes cujas contribuições tornaram este livro possível. A tarefa de aprender a amar bem — tanto o próximo quanto o inimigo — é ampla e urgente, e pode ter um alto preço. No entanto, como nos mostra este livro, uma vez que a obra é de Jesus, podemos buscar exercer esse amor com uma grande esperança.

**GARY A. HAUGEN**, fundador e CEO, International Justice Mission

**MUNDO  
PLURAL**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Keller, Timothy, 1950-

Mundo plural : como viver fielmente em um mundo de diferenças /  
Timothy Keller, John Inazu ; tradução de A. G. Mendes. — São Paulo:  
Vida Nova, 2021.  
288 p.

ISBN 978-65-86136-95-1

Título original: Uncommon ground: living faithfully in a world  
of difference

1. Cristianismo 2. Cristianismo e ateísmo 3. Cristianismo e outras  
religiões I. Título II. Inazu, John III. Mendes, A. G.

21-2140

CDD 261.2

**Índices para catálogo sistemático**

1. Cristianismo : ateísmo : outras religiões

TIMOTHY KELLER  
AUTOR BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*  
& JOHN INAZU

# MUNDO PLURAL

COMO VIVER FIELMENTE EM  
UM MUNDO DE DIFERENÇAS

TRADUÇÃO  
A. G. MENDES

  
VIDA NOVA

©2020, John Inazu and Timothy Keller

Título do original: *Uncommon Ground: living faithfully in a world of difference*

edição publicada pela NELSON BOOKS (Nashville, Tennessee, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,  
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New Revised Standard Version Bible. As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da New American Standard Bible (NASB),

---

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

EDIÇÃO DE TEXTO

Fernando Mauro S. Pires

PADRONIZAÇÃO

Caio Barrios Medeiros

REVISÃO DE PROVAS

Abner Arrais

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Kristina Juodenas

Paulo Jardim (adaptação)

---

*Para Willie*

Andem de um modo digno da vocação com que foram chamados, com toda *humildade* e mansidão, com *paciência*, demonstrando *tolerância* uns com os outros em amor.

— EFÉSIOS 4.1,2 (NASB)



# SUMÁRIO

Agradecimentos .....11

Colaboradores .....13

Introdução     John Inazu e Timothy Keller ..... 15

## PARTE UM: CONCEBENDO NOSSA INTERAÇÃO

A teóloga     Kristen Deede Johnson ..... 29

O pastor     Timothy Keller ..... 49

O aventureiro     Tom Lin ..... 67

O empreendedor     Rudy Carrasco ..... 95

## PARTE DOIS: COMUNICANDO NOSSA INTERAÇÃO

A escritora     Tish Harrison Warren ..... 115

A compositora     Sara Groves ..... 135

O contador de histórias     Lecrae ..... 157

O tradutor     John Inazu ..... 175

PARTE TRÊS: DANDO FORMA À NOSSA INTERAÇÃO

<b>A construtora de pontes</b>	<b>Shirley V. Hoogstra.....</b>	<b>195</b>
<b>O cuidador</b>	<b>Warren Kinghorn .....</b>	<b>213</b>
<b>A reconciliadora</b>	<b>Trillia Newbell.....</b>	<b>241</b>
<b>O pacificador</b>	<b>Claude Richard Alexander Jr.....</b>	<b>261</b>
<b>Conclusão</b>	<b>John Inazu e Timothy Keller.....</b>	<b>277</b>
<b>Obras selecionadas pelos colaboradores .....</b>		<b>287</b>



## AGRADECIMENTOS

AGRADECEMOS ÀS DIVERSAS PESSOAS QUE AJUDARAM A TORNAR ESTE livro possível. Agradecemos primeiramente aos nossos dez colaboradores que compartilharam conosco tanto suas palavras quanto seu tempo, assim como sua confiança. Agradecemos também a Boyd Bowman, Johanna Christophel, Andy Crouch, Craig Ellis, Allison Gaskins, John Hendrix, Matt Kile, Andy Kim, Mollie Moore, Carol Quinlan, Seth Reid, Alex Siemers e Allie Spors. Somos gratos a David McCormick, agente de Tim, e à equipe da Thomas Nelson, especialmente nosso editor, Webster Younce. Agradecemos também à Redeemer City-to-City, ao The Carver Project e à Universidade de Washington em St. Louis.

Agradecemos às nossas famílias o apoio e o incentivo dado a este livro: Kathy Keller, Caroline, Lauren, Hana e Sam Inazu.

Dedicamos este livro ao pai de John, Willie Inazu. Poucas semanas depois de iniciarmos este projeto em uma reunião com os colaboradores, Willie foi diagnosticado com câncer terminal de pulmão. Sua enfermidade e sua morte coincidiram com o período em que este livro foi escrito e editado. Willie morreu como um homem livre. Livre do sofrimento desnecessário, ao optar corajosamente por uma clínica para doentes terminais. Livre como um cidadão, que dedicou a vida ao serviço deste país, apesar de ter nascido no Campo de Internamento Manzanar, em 1943. E livre da culpa e do remorso, com fé nas coisas do porvir.





## COLABORADORES

CLAUDE RICHARD ALEXANDER JR. é pastor sênior da Park Church em Charlotte, Carolina do Norte.

RUDY CARRASCO é diretor de programas do Murdock Charitable Trust e ex-membro da diretoria da Christian Community Development Association.

SARA GROVES é cantora e compositora.

SHIRLEY V. HOOGSTRA é presidente do Council for Christian Colleges and Universities.

JOHN INAZU é professor de direito e religião da Washington University em St. Louis.

KRISTEN DEEDE JOHNSON é professora de teologia e de formação cristã no Western Theological Seminary.

TIMOTHY KELLER é pastor fundador da Redeemer Presbyterian Church na cidade de Nova York.

WARREN KINGHORN é professor de psiquiatria e de teologia da Duke University.

LECRAE é rapper, compositor e produtor musical.

TOM LIN é presidente da InterVarsity Christian Fellowship.

TRILLIA NEWBELL é diretora de envolvimento com a comunidade da Comissão de Ética e de Liberdade Religiosa da Convenção Batista do Sul.

TISH HARRISON WARREN é pastora anglicana da Church of the Ascension em Pittsburgh, Pensilvânia.





# INTRODUÇÃO

JOHN INAZU E TIMOTHY KELLER

A QUESTÃO CENTRAL DESTES LIVRO CONSISTE EM SABER COMO O cristão pode se relacionar com os que estão à sua volta, respeitando as pessoas cujas crenças são diferentes das suas e, ao mesmo tempo, conservando a confiança no evangelho. A ideia para este livro surgiu da correspondência que mantivemos no decorrer dos últimos anos.<sup>1</sup> Estávamos tentando descobrir de que maneira as pessoas encontram áreas comuns em meio a diferenças profundas e, não raro, dolorosas. Queríamos aprender como oferecer uma resposta cristã à realidade das nossas diferenças, ou o que os estudiosos chamam de “o fato do pluralismo”.<sup>2</sup> Com muita frequência, o fato do pluralismo fica obscurecido, pelo menos nos Estados Unidos, por visões idealizadas de “uma nação, indivisível” e pela busca de “uma união mais perfeita”. Contudo, nossa existência real é muitas vezes caracterizada mais pela diferença e pela discordância do que pela unidade.

---

<sup>1</sup>Partes desta introdução foram retiradas de “How Christians can bear Gospel witness in an anxious age”, *Christianity Today*, June 20, 2016, de John Inazu e Timothy Keller.

<sup>2</sup>Por exemplo, John Rawls, “The idea of an overlapping consensus”, *Oxford Journal of Legal Studies* 7, n. 1 (1987):4.

Os americanos, a exemplo da maior parte dos cidadãos ocidentais atualmente, não estão de acordo em relação ao propósito do nosso país, à natureza do bem comum e ao significado da prosperidade humana. Essas diferenças afetam não apenas o que pensamos, mas também *como* pensamos e interpretamos o mundo. Este é o fato do pluralismo hoje: diferenças profundas e sem solução em torno de coisas extremamente importantes.

Entender o pluralismo significa entender nosso passado. O pluralismo se explica pelo fato de que os Estados Unidos não são, e nunca foram, uma “nação totalmente cristã”. É verdade que uma cultura protestante branca, ou o que em alguns círculos se chama de cultura judaico-cristã, influenciou os fundadores deste país e moldou as normas e os valores da classe média durante boa parte de nossa história. Essa cultura compartilhada — e seu consenso presumido acerca da moralidade pública e da natureza da prática religiosa — acarretou benefícios sociais importantes, entre eles a construção e a manutenção de instituições e infraestrutura. A grande maioria do setor de caridade hoje — universidades e instituições educacionais superiores particulares, hospitais e organizações de serviço social — tem raízes nas comunidades protestantes (e, posteriormente, católicas e judaicas).

Contudo, essa cultura protestante compartilhada falhou em reconhecer injustiças importantes, as quais, por vezes, perpetuou. Os protestantes com frequência se mostraram indiferentes e, por vezes, hostis às reivindicações de liberdade religiosa das minorias religiosas. Em grande medida, os protestantes brancos estiveram ausentes do movimento pelos direitos civis, tendo alguns deles se envolvido no racismo pessoal e estrutural que

persiste até o dia de hoje.<sup>3</sup> O poder social e legal da cultura protestante muitas vezes reprimiu visões diferentes sobre raça, religião, gênero e sexualidade.

Dentro dessa cultura protestante dominante, muitos cristãos se esqueceram da advertência bíblica de que não temos cidade duradoura na terra (Hb 13.14) e de que não devemos depositar nossa confiança em príncipes terrenos (Sl 146.3). No decorrer de muitas gerações, alguns cristãos sucumbiram aos encantos da cidadania terrena, os quais obscureceram suas lealdades mais profundas. Embora tenhamos sido chamados para amar nosso próximo, nossa verdadeira cidadania está no céu (Fp 3.20).<sup>4</sup>

Recentemente, o consenso presumido da cultura protestante se fragilizou, em parte por motivo de uma conscientização crescente das diferenças nas crenças religiosas (e, cada vez mais, não religiosas). Ao mesmo tempo, tendências profundas e aceleradas em direção ao individualismo e à autonomia erodiram a confiança nas instituições sociais: empresas, mídia, governo, igreja e até mesmo a família. Contudo, com o declínio da cultura protestante, não surgiu outra que a substituísse. Nem o evangelicalismo, nem o catolicismo romano, nem o secularismo substituíram o consenso presumido anterior.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup>Veja Jemar Tisby, *The color of compromise: the truth about the American church's complicity in racism* (Grand Rapids: Zondervan, 2019).

<sup>4</sup>James Davison Hunter, *To change the world: the irony, tragedy, and possibility of Christianity in the late modern world* (Oxford: Oxford University Press, 2010), p. 95.

<sup>5</sup>Para um relato do declínio da influência das igrejas protestantes históricas sobre a classe média americana e do fracasso do evangelicalismo ou do catolicismo romano em substituir essa influência, veja Joseph Bottum,

Este é o contexto em que formulamos nossas indagações acerca da identificação de um *terreno* comum, ainda que não concordemos com o que seja o *bem* comum.<sup>6</sup> Também queríamos investigar de que maneira o cristão pode incorporar a humildade, a paciência e a tolerância, as práticas civis que John identifica em seu livro *Confident pluralism* [*Pluralismo confiante*].<sup>7</sup> Cremos que essas práticas incorporadas estão plenamente de acordo com um testemunho evangélico em uma era profundamente dividida. Na verdade, elas não só abrem espaço para o evangelho, mas também apontam, respectivamente, para as três virtudes cristãs da fé, esperança e amor.<sup>8</sup>

A primeira dessas práticas, a humildade, reconhece que em um mundo de profundas diferenças em torno de questões fundamentais, cristãos e não cristãos, igualmente, nem sempre são

---

*An anxious age: the post-protestant ethic and the spirit of America* (New York: Random House, 2014).

<sup>6</sup>Como Luke Bretherton observou, “sob as condições de uma vida política decaída e limitada, a ideia de que pode haver um bem comum geral é extremamente problemática. A determinação do bem comum de uma família, um local de trabalho ou uma comunidade de pequeno porte é possível e, sem dúvida, necessária para que o tipo de política esboçado aqui seja viável. Contudo, além dessa escala, é contrária à política a alegação de que se sabe qual é o bem comum de uma conurbação, de uma região, uma nação ou do mundo. Essa pretensão nega a pluralidade e a contestabilidade das visões morais de sociedades complexas bem como os conflitos que surgem em decorrência da busca de bens morais divergentes, já que tudo isso deve ser negociado por meio da política” (*Christ and the common life: political theology and the case for democracy* [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 2019], p. 32, n. 13).

<sup>7</sup>John D. Inazu, *Confident pluralism: surviving and thriving through deep difference* (Chicago: University of Chicago Press, 2016).

<sup>8</sup>Sou grato a Andy Crouch por fazer essa conexão para nós.

capazes de provar por que eles estão certos e os outros, errados. Os cristãos são capazes de exercer a humildade na vida pública porque reconhecem os limites da razão humana, incluindo nossos próprios limites, e porque sabem que foram salvos pela fé, e não por meio de nossas ações morais e bondade própria. Essa fé confiante ancora nosso relacionamento com Deus, mas não proporciona certeza inabalável em todas as questões.<sup>9</sup>

A paciência estimula o ouvir, a compreensão e o questionamento. Paciência com os outros nem sempre elimina a distância ideológica; é pouco provável que cheguemos a um acordo em todas as questões difíceis que nos dividem. No entanto, o ouvir atento, a compreensão empática e o questionamento ponderado podem nos ajudar a nos aproximar dos outros à medida que reconhecemos as experiências compartilhadas que nos unem e as diferentes experiências que nos dividem. Os cristãos podem ser pacientes com outros porque depositam sua esperança em uma história cujo final já é conhecido.<sup>10</sup>

Ser tolerante implica suportar crenças e práticas das quais não compartilhamos. Não significa aceitar essas crenças ou aprovar

---

<sup>9</sup>Lesslie Newbigin faz a seguinte observação a esse respeito: “Somos continuamente chamados a nos comportar de acordo com crenças cuja confiabilidade não pode ser demonstrada e a dedicarmos nossa vida a proposições passíveis de dúvida” (Lesslie Newbigin, *Proper confidence: faith, doubt, and certainty in Christian discipleship* [Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1995], p. 102).

<sup>10</sup>Como disse Mark Lilla, a esperança cristã na restauração futura de todas as coisas evita tanto a utopia do liberalismo quanto a nostalgia pessimista do conservadorismo (Mark Lilla, *The shipwrecked mind: on political reaction* [New York: New York Review Books, 2016], p. 67-85 [publicado em português por Record sob o título *A mente naufragada: sobre o espírito reacionário*]).